

A teologia do processo de Whitehead

Ednaldo Isidoro da Silva¹

Resumo

Este artigo apresenta a inédita tradução comentada da Section I, do Chapter II, de God and The World, Part V, Final Interpretation, do Process and Reality, principal obra do filósofo Alfred North Whitehead. A importância deste trecho subsiste na crítica que o autor empreende à história da filosofia teísta, principalmente a teologia cristã. O fragmento não traz a concepção de Deus whiteheadiana, mas revela por que foi imprescindível para ele proceder, como Aristóteles, em alguns pontos, a fim de bem fundamentar sua teologia do processo.

Palavras-chave: Whitehead, teologia do processo, Deus e mundo.

Résumé

Cet article présente la commentée traduction en portugais de la Section I du chapitre II Dieu et de Monde de la Partie V Interprétation Finale du *Process and Reality*, le oeuvre principal du philosophe Alfred North Whitehead. L'importance de ce passage reste dans la critique que l'auteur se lance sur l'histoire de la philosophie théiste, en particulier la theologie chrétienne. Le fragment ne pas mettre a la lumière la conception whiteheadienne de Dieu, mais révèle pourquoi il a procédé comme Aristote pour obtenir leur concept bien-fondé de la theologie du procès.

Mots-clé: Whitehead, Theologie du Procès, Dieu et Monde.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, é membro do Grupo de Pesquisa Filosofia da Natureza (UFPE), na qual, sob a orientação do Prof. Dr. Witold Skwara iniciou a pesquisa sobre a cosmologia de Whitehead, e participa também do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval - GEPFAM da UNICAP, cujas atividades levaram-no a uma pesquisa na área de Filosofia da Natureza, intitulada "A Beleza na Cosmologia Platônica e seus Reflexos na Filosofia de Plotino e Santo Agostinho" - Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/UNICAP 2007-2008) desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa. Atualmente, é aluno regular no Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia, em nível de mestrado, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, onde dá continuidade à pesquisa sobre a Filosofia do Organismo de Alfred North Whitehead, sob a orientação do Prof. Dr. Witold Skwara. E-mail: ednaldoisidoro@hotmail.com

Introdução

Influenciada pela filosofia do processo de Whitehead, a teologia do processo (*Process Theology*) desenvolve-se concomitantemente como uma filosofia e uma teologia por aproximar o teísmo e o panteísmo, reanimando, assim, o panenteísmo (gr. *pan + en + theos* = tudo está em Deus). Aliados a esse filósofo, vê-se em Charles Hartshorne, em John B. Cobb e em David R. Griffin seus principais representantes – de modo que podemos dizer que aquele germinou, o outro fez nascer as idéias puras e, com os dois últimos, pôs em desenvolvimento as noções originais desta nova corrente teológica. Nosso trabalho pretende apresentar a aurora da teologia do processo, isto é, discorrer sobre a filosofia do processo de Whitehead que propaga a relação recíproca de transcendência e imanência entre Deus e o mundo como crítica às religiões monoteístas ocidentais.

O inglês Alfred North Whitehead (1861 – 1947) tornou-se um eminente filósofo do século XX porque suas pesquisas o levaram ao brilhante desenvolvimento ascendente de produção intelectual: o início de sua atividade lógico-matemática no Trinity College de Cambridge (1881-1910) e a sua continuação pelo realismo epistemológico e pelos estudos sobre filosofia da natureza, no Imperial College de Londres (1910-1924), culminaram na sistematização de seus pensamentos denominada “Filosofia do Organismo”, que efetuou em Harvard (1924-1947), um período metafísico que se desenvolveu visando à fundamentação de uma ética: o papel das ideias na sociedade.

Essas três fases whiteheadianas apontam para a sua *opus magnum* chamada *Process and Reality (PR)*, um Ensaio de Cosmologia especulativa que interliga lógica, matemática, epistemologia, metafísica, antropologia, filosofia da linguagem, axiologia e teologia. Consequentemente, restringindo nossa temática e para cumprir o propósito deste artigo, apresentamos, a seguir, a inédita tradução comentada da *Section I* do *Chapter II God and The World* da *Part V Final Interpretation* do *PR*.

1 Tradução comentada

CAPÍTULO II DEUS E O MUNDO

Seção I

Enquanto o mundo temporal é concebido como uma autossuficiência completa do ato criador, explicável por sua derivação de um princípio último que é, por sua vez, eminentemente real e motor imóvel, não podemos escapar desta conclusão: o melhor que nós poderíamos dizer desta tormenta é: “ele dá aos seus bem-amados – o sol².” Essa é a mensagem das religiões de tipo budista e, num certo sentido, ela é verdadeira. Nessa discussão final, é-nos necessário perguntar se os princípios metafísicos levam a crer que ele exprime a verdade. A complexidade do mundo deve se refletir na resposta. É infantil entrar no domínio do pensamento com a questão simplista: “de que o mundo é feito?” A tarefa da razão é sondar a fundo as profundezas da multilateralidade das coisas. Para questões de vastos alcances, nós não esperamos senão respostas simples. Quanto mais profundo penetrarmos em nossa consideração, há sempre, além dela, distâncias que bloqueiam nossa visão.

A noção de Deus como um “motor imóvel” provém de Aristóteles, ao menos no que concerne ao pensamento ocidental. A noção de Deus como “eminentemente real” é uma doutrina favorita da teologia cristã. A combinação de duas doutrinas na doutrina de um criador transcendente, eminentemente real e originário, do qual o fiat fez vir à existência um mundo que apenas pode obedecer à sua vontade, constitui a falácia que infundiu o trágico na história do cristianismo e do maometismo.

Quando o mundo ocidental aceita o cristianismo, César o conquistou e o texto recebido da teologia ocidental foi editado por seus juristas. O código e a teologia de Justino são as duas obras que exprimem um mesmo movimento do espírito humano.

² Salmo, 127, 2 (N.d. T.).

A breve humilde visão de Galileu vacila incerta ao longo dos séculos. Na formulação oficial da religião, foi assumida a trivial forma da simples atribuição dos Juízes, que apreciaram uma falsa concepção sobre o Messias. Mas a profunda idolatria no poderio de Deus, concebido à imagem dos dirigentes egípcios, persas e romanos, permanece. A Igreja dá a Deus os atributos que pertencem exclusivamente a César.

No grande período de formação da filosofia teísta que, contemporânea à civilização, se conclui com a emergência do maometismo, três correntes de pensamento aparecem, com muitas variações de detalhes, respectivamente em relação a Deus na imagem de um governante imperial, da energia moral personificada ou de um princípio filosófico último. Os Diálogos de Hume constituem a crítica irrefutável dessas maneiras de explicar o sistema do mundo.

Essas três escolas de pensamento podem ser associadas, respectivamente, aos Césares divinos, aos profetas hebreus e a Aristóteles. Mas os pensamentos indiano e budista precedem Aristóteles; os profetas hebreus podem ser paralelos em traços do pensamento anterior; o maometismo e os Césares divinos simplesmente representam o simbolismo teísta idólatra mais natural e mais evidente de todos os tempos e de todos os lugares.

A história da filosofia teísta exhibe vários estágios de combinação desses três diversos modos de entender o problema. Há, entretanto, na origem galileana do cristianismo uma outra sugestão que não cai muito bem com as três tendências de pensamento principais. Ela não põe a ênfase sobre o império de César, sobre o moralista impiedoso ou sobre o motor imóvel. Ela se interessa pelos elementos de ternura de um reino que não é deste mundo. O amor não manda, ele não é imóvel; além disso, ele é um pouco esquecido em questões morais. Ele não se olha para o futuro, pois ele mesmo encontra sua recompensa no presente imediato.³

³ WHITEHEAD, Alfred North. Process and reality. New York: Free Press, 1978, p. 342-343.

2 Comentário

Neste primeiro parágrafo, Whitehead lança a crítica à tendência de imobilizar o mundo a fim de torná-lo observável como fato irreduzível, por concebê-lo como simples matéria – decorrência da filosofia cartesiana – e dependente da vontade de um criador transcendente. Dizendo isso, ele já alude ao erro de nomear o Deus teísta como o princípio último, originário e motor imóvel do qual todo o universo depende. A citação daquele salmo denota tal concepção, pois a imagem do sol que é dado aos amados é a referência àquele sol eterno, permanente e transcendente e, por conseguinte, que exclui a mobilidade, o fluxo e as transformações do mundo. No sentido de permanecer imparcial quando o assunto é Deus, Whitehead inspira-se em Aristóteles para não deixar que questões éticas e sociais interfiram em sua concepção divina.

É, pois, uma das teses fundamentais de sua filosofia do processo a combinação de contrastes ideais para a constituição da realidade, ou seja, fluxo, permanência, transcendência e imanência pertencem tanto a Deus quanto ao mundo. Todavia, é mais fácil constatar essa característica no universo, porque percebemos que a natureza passa, transforma-se e que, nessa transição, algo que fluiu permanece: eis a imortalidade objetiva das coisas. Desse modo, Whitehead expõe o princípio metafísico que atesta a condição perene dos seres, chamados por ele entidades ou ocasiões atuais.

A partir do segundo parágrafo, inicia-se a análise da história da filosofia teísta, a qual Whitehead divide em três partes cada qual com uma concepção de Deus: 1) Deus concebido como rei, imperador, faraó e governante; 2) Deus concebido como o moralista; e 3) Deus entendido como o princípio último. Nesta seção, não encontramos a proposta whiteheadiana sobre Deus e sobre a questão por ele posta e aí nos perguntamos: será que ele conservará um desses três conceitos ou efetuará uma relação? “ou, ainda, preparará, evocando diversos conceitos de Deus, a evidência da originalidade de seu próprio conceito?” (HURTUBISE, 2000, p. 29). Essa resposta foi dada nas seções seguintes e nos ajudou a esclarecer qual o papel de Deus na cosmologia de Whitehead, objeto de estudo de nossa dissertação.

Fazendo um paralelo à afirmação whiteheadiana de que toda

a filosofia ocidental é uma explicitação da doutrina platônica (cf. WHITEHEAD, 1978, p.42), o autor diz que o erro das teologias cristã e islâmica proveio do aristotelismo. Não de Aristóteles, mas depois dele, quando “os interesses éticos e religiosos começaram a influir nas conclusões metafísicas” (*Idem*, 2006, p. 215). O motor imóvel de Aristóteles tornou-se, para os judeus, cristãos e mulçumanos, objeto de fins religiosos. O discípulo de Platão está isento de culpa porque “a expressão Primeiro Motor adverte-nos que o pensamento de Aristóteles estava enredado numa física e numa cosmologia incorretas. Na física de Aristóteles, causas especiais eram exigidas para sustentar o movimento das coisas matérias” (*Ibid.*, p. 216). As entidades da cosmologia aristotélica necessitavam de um princípio de movimento por não terem poder autônomo ou imanente.

Assim, como o universo para Whitehead é como um processo orgânico – ordenado em sociedade complexas interdependentes –, ele diz que, “em lugar do Deus aristotélico como Primeiro Motor, queremos Deus como Princípio de Concreção, (...) ou seja, processo de realização. Importa, agora, sinteticamente, falar sobre a ontologia whiteheadiana antes de progredirmos em nosso comentário.

A cosmologia de Whitehead tem como única substância a Criatividade, a energia eterna, que é Princípio de Inovação. A sua ação, o Avanço Criador, gerou o seu Acidente Primordial, Deus – que tem duas naturezas, a primordial ou conceitual e a consequente ou física. Essa concepção heterodoxa de Deus é a base de seu pensamento panteísta. Abbagnano incorre em erro ao declarar que “a conclusão de Deus whiteheadiana é decididamente panteísta. O Mundo é parte de Deus e Deus é parte do mundo” (1970, p. 136). Pois o Deus de Whitehead é uno enquanto Acidente Primordial da Criatividade e múltiplo em suas duas naturezas. Todavia, as transformações e progressos ocorridos no mundo, sua natureza consequente, enriquecem a sua natureza primordial com objetos eternos ou formas. Deus, apesar de obter novos ingredientes em seu polo conceitual, permanece o mesmo Acidente Primordial⁴. Deus não é o mundo, o mundo está nele

⁴ Para compreendermos melhor esta concepção de Deus, basta olharmos para o discurso teológico sobre o mistério da encarnação e da pessoa de Jesus. Ele é Deus como uma Pessoa da Santíssima Trindade com duas naturezas, a divina e a humana.

como sua natureza consequente: “Deus não é concreto, mas é a base da realidade concreta” (WHITEHEAD, 2006, p. 221). Logo, Whitehead é decididamente panenteísta.

É por essa razão que não precisamos buscar a razão do mundo em algo transcendente ou procurar Deus noutra dimensão. “Tudo quanto se pode saber a respeito de Deus deve ser procurado na região das experiências determinadas e, portanto, fica em base empírica” (idem). A filosofia do processo apresenta aquilo que tanto as religiões almejam: o princípio de solidariedade entre os seres, aquele fator de intensificação, de união. Desse modo, a experiência humana encontra, no mundo, a energia vital, que congrega (a conjunção) as entidades atuais. Procurando um Deus transcendente, homens iniciaram a origem de todo o mal e do bem, pois, sendo outro do quebra-cabeça, é para ele que deve ser atribuído, em última instância, todo tipo de sorte do mundo. A consequência disso foi a sua concepção nomeada como “Iahweh, Alá, Brahma, Pai do Céu, Ordem do Céu, Causa Primeira, Ser Supremo, Acaso. Cada nome corresponde a um sistema de pensamento derivado das experiências daqueles que o empregaram” (*Ibid.*, p. 222).

Dentre as três teorias da origem da religião (a divina: revelação de Deus ao homem; a política: legisladores criaram Deus como estratégia social; e a humana: satisfazer necessidades teóricas e práticas), Whitehead vê que o teísmo, apesar de doutrinarem a ação divina, viu, nas realizações humanas dos Césares, dos faraós, dos Reis, dos Imperadores e do Motor Imóvel Aristotélico, a manifestação da realidade do seu Deus, e constituem seus representantes. Assim, após a jogada política da liberação, aceitação e proclamação do cristianismo como religião da então Roma decadente, foi possível que a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja desse a Deus aqueles títulos próprios do Imperador: *Ave, Cesar é habemus Papam*.

Em *Religion in the Making*, Whitehead analisa a origem da religião e evidenciará sua análise sobre o culto, a revelação ou o dogma e a moral e, portanto, empreende uma análise mais detalhada das questões aqui apresentadas. Nela, ele desenvolverá melhor a tese segundo a qual “religião é a reação da natureza humana à sua procura de Deus. A apresentação de Deus sob o aspecto do poder desperta todos os instintos modernos de reação crítica... A insistência sobre

normas de conduta marca o declínio do fervor religioso” (*Ibid.*, p. 236).

Ora, então, qual é a pretensão essencial da religião? Qual seu caráter natural? Quando Whitehead fala que amor não é autoritário e é despreocupado com o futuro e que não é como o motor imóvel aristotélico ou um moralista, ele aponta o presente imediato (cf. *Ibid.*, 1978, p. 343) de Deus na adoração. Nessa atividade e experiência humana, há o transpor da finitude, a adequação com o divino, a conjunção, a satisfação da pessoa diante de algo que é efetivo e vai ser realizado. A adoração, para Whitehead, é um fator de visualização do princípio processual: porque a natureza é passagem, tudo passa. Assim, a adoração religiosa corresponde à visão proposta pela filosofia do processo. Contemplar o mundo é encontrar nele e comtemplar a Deus é perceber que “tudo o que há no universo, desde a pedra ao homem, tem a marca indelével de Deus. Ele é o elemento de união do mundo e sua razão de ser: sem Deus, tampouco existiria o universo” (VERA, [s.d.], p. 22). E qual a relação entre Deus e os homens para Whitehead? Ele comunga com o evangelista João: porque Deus é amor,

adorar é submeter-se à exigência de assimilação, acentuada pela força motriz de mutuo amor. A visão nunca ordena. Está sempre presente e tem o pode de amor que apresenta o único propósito cujo cumprimento é a eterna harmonia (WHITEHEAD, 2006, p. 236).

Assim, entendido como amor, Deus não é força, não tem aqueles atributos dos Césares. Deus é um elemento unificador que salva o mundo do caos, que advém da falta de harmonia. Nisso, não há mal moral; o mal refere-se tão somente ao estado de fragmentação dos seres. O caráter essencial da religião, portanto, é a visão do que está além, a fim de unir-se a ele. “A adoração a Deus não é uma norma de salvação, é uma aventura do espírito... A morte da religião é acompanhada da repressão da sublime esperança de aventura” (*Ibid.*).

Considerações finais

A filosofia do processo de Whitehead atesta a relação

recíproca de opostos entre Deus e o mundo:

É também verdade dizer que Deus é permanência e o Mundo fluente quanto dizer que o Mundo é permanente e Deus fluente. É também verdade dizer que Deus é um e o Mundo muitos, quanto dizer que o Mundo é um e Deus muitos. É também verdade dizer que, em comparação com o Mundo, Deus é eminentemente atual, quanto dizer que, em comparação com Deus, o Mundo é eminentemente atual. É também verdade dizer que o Mundo é imanente a Deus, quanto dizer que Deus é imanente ao Mundo. É também verdade dizer que Deus transcende o Mundo, quanto dizer que o Mundo transcende Deus. É também verdade dizer que Deus cria o Mundo, quanto dizer que o Mundo cria Deus (WHITEHEAD, 1978, p. 348).

Por essa intuição, Whitehead, em sua teologia do processo, diz que a onipotência divina subsiste em sua ação cocriadora do mundo. Sendo o Acidente Primordial da Criatividade, ele organiza, em sua natureza primordial, os conjuntos ideais, avalia seus graus de afinidades formais e opera o ingresso (ou participação) dos objetos eternos nas entidades atuais. Uma vez criado, o universo também tem a potencialidade de se autocriar porque é a natureza consequente de Deus, ou seja, tem a energia criadora propagada pelo Avanço Criador. Logo, tal emergência está em Deus. E porque o universo é marcado pela mundança, o processo do mundo concretiza os elementos da natureza primordial: Deus. Deus, que antes continha objetos eternos, puras formas e potencialidade, efetiva-se como entidades atuais, a realidade concreta. Dada a primeira entidade, outras relações são formadas pelo contato com as formas e, assim, outras concreções são criadas. Disso resultam as séries de eventos nomeadas realidade. Por tudo isso, justifica-se a caracterização da teologia whiteheadiana como panenteísta: porque contém o mundo e porque ele é processo, Deus cresce com ele – eis o que significa o princípio de concreção.

Referências

HURTUISE, Denis. **Relire Whitehead**: les concepts de Dieu dans Process and Reality. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2000.

SAINT-SERNIN, Bertrand. **Whitehead**: un univers en essai. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2000.

VERA, Armando Asti. La filosofía de la religión de Whitehead. *In*: WHITEHEAD, Alfred North. **El devenir de la religion**. Buenos Aires: Editorial Nova, [s.d.].

WHITEHAD, Alfred North. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Process and reality**. New York: Free Press, 1978.